

## **A FAMÍLIA CEARENSE SOB O SIGNO DAS SECAS**

### **DOMICÍLIO, TRABALHO E MIGRAÇÃO**

José Weyne de Freitas Sousa

A hipótese principal dessa pesquisa é a de que de 1877 a 1915 a família cearense esteve sob o signo das secas. Por isso, ela objetiva compreender as relações familiares no Ceará nesse período, a partir do estudo do impacto social, político, econômico e cultural das secas na sociedade. Procura-se baseado na relação família/seca, analisar os seus diferentes significados através do escrutínio de diversas fontes como: relatórios de presidente de província e estado, periódicos da época, censos populacionais e, principalmente, da documentação das Comissões de Socorros Públicos produzida durante as estiagens.

Essas fontes possibilitam entender a atuação dos governos estaduais e provinciais em relação às famílias desvalidas, o posicionamento público das elites diante do flagelo, as conseqüências demográficas da migração e a reorganização dos domicílios nas cidades que eram pólos de atração dos sertanejos. A interpretação desse material terá como parâmetro teórico-metodológico os estudo sobre família, migração, população e trabalho.

O Ceará no século XIX era uma província pertencente ao que se convencionou chamar posteriormente de Nordeste. Essa região foi assolada desde o período colonial por diversas secas. Contudo, a partir de 1877, a seca - fenômeno climático - ganhou um contorno social e político ao atingir as relações familiares, que até meados do século XIX eram baseadas na honra e na violência. Com isso, a família foi submetida a mudanças, como o desenvolvimento de uma prática migratória, a emergência da chefia feminina do domicílio, a implementação de uma política assistencialista, a criação das frentes de trabalho e a reconstrução de novos domicílios a partir dos abarracamentos. Intenta-se, portanto, avaliar neste trabalho o processo de transformações ocorridas na família cearense

após as secas e no interregno de tempo entre elas. Por esse motivo, abarca-se nessa pesquisa quatro secas: a de 1877-79 (conhecida como a grande seca), a de 1888-89, 1900 e 1915. Relatos da época, como os do memorialista Rodolpho Theóphilo, contam que quando a seca se avizinhava o pânico dominava os sertanejos e a noite “muitos pobres se recolhiam á casa e amedrontados com suas famílias falavam em migrar”<sup>1</sup>, desencadeando o processo migratório das famílias ao longo das secas que levou a construção da noção de abalo da moral familiar, a partir do distanciamento do conceito de família patriarcal<sup>2</sup> que balizava as relações domiciliares.

A partir desse parâmetro, esse projeto recua ao estudo da família no século XIX, momento em que ela era a base da organização social, procurando traçar o perfil da família retirante, ao longo das quatro secas que assolaram a província no período. Objetiva-se ainda, perceber de que modo a migração para as cidades litorâneas e para fora do Ceará - região Sudeste<sup>3</sup> - afetou a estrutura da família no seu aspecto demográfico, sentimental e da economia doméstica. Procura-se, assim, observá-la na sua dinâmica, evitando naturalizá-la, escrutinando a sua organização a partir da sua relação com o "contexto sociocultural"<sup>3</sup>, para perceber a sociedade cearense e suas transformações no século XIX e início do XX.

O diálogo com as fontes mostra que essas transformações podem ser notadas a partir de uma reorganização do domicílio, da efetivação de uma política que via o trabalhador, a partir de uma concepção liberal de trabalho, como uma mão de obra fácil e barata, e a migração que validava uma prática assistencialista, dominada pelas elites locais que se beneficiavam com o envio de recursos econômicos aos desvalidos. Assim, da

---

<sup>1</sup>THEÓPHILO, Rodolpho. *História das Secas no Ceará(1877-1879)*. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922, p.80, 81.

<sup>2</sup>FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

<sup>3</sup>A migração para a região Sudeste não será abordada neste trabalho em profundidade. Contudo, pretendo analisar algumas fontes para saber o desenlace que teve a família migrante em São Paulo, pois há documentos no Arquivo do Estado que possibilitam uma investigação mais aprofundada desse tema. Porém, a partir desse trabalho, acredito que poderei compreender melhor a migração da família cearense no seu próprio local e as motivações que a levaram migrar para essa região, sobretudo para São Paulo.

interface entre domicílio, trabalho e migração, procurar-se-á compreender o conjunto das relações familiares na sociedade cearense, bem como os seus parâmetros norteadores.

As fontes para essa pesquisa se encontram em três locais: no APEC (Arquivo Público do Estado do Ceará), há maços de documentos das Comissões de Socorros Públicos, ainda inéditos, que registraram informações diversas sobre os retirantes abarracados. Na BPGMP (Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel) existe em microfilme a maior parte dos periódicos que circularam no Ceará de 1877 a 1915 e os Relatórios de Presidentes de Província e Estado. No CEDHAL (Centro de Demografia Histórica para a América Latina), existem dois bancos de dados, um sobre a população de Fortaleza de 1887 e outro sobre a seca no Ceará de 1888-89.

Essa pesquisa surgiu em decorrência do estudo da criança órfã, pobre e desvalida em Fortaleza de 1877 a 1915. O estudo das fontes utilizadas no trabalho de mestrado, realizado com o apoio do CNPq, permitiu perceber uma relação estreita entre família e seca, quando esta vinculação se tornou presente nas políticas de governo e nos discursos dos observadores da época como Rodolpho Theóphilo que falava em "*filhos do norte*" e "*A mãe pátria o Ceará...!*"<sup>4</sup> para se referir a seca usando metáforas familiares.

A família sob o signo das secas é um trabalho inédito porque a historiografia sobre esse tema ainda é exígua, a despeito da produção de algumas dissertações e teses que abordam temas correlatos à família como: os defloramentos no Ceará colonial<sup>5</sup>, a marginalização da infância<sup>6</sup>, as mulheres escritoras<sup>7</sup> e a família sob o signo da violência.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> BPGMP - Setor de microfilmagem, *Jornal Cearense*, 03/07/1880, p.2.

<sup>5</sup> VIERA JR, Antonio Otaviano. *O Cotidiano do desvio: defloramentos no Ceará Colonial*. Dissertação de mestrado em história social. São Paulo, PUC-SP, 1997.

<sup>6</sup> SOUZA, Josinete Lopes de. *Da Infância Desvalida à Infância Delinqüente*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP,2000.

<sup>7</sup> SILVA, Régia Agostinho da. *Entre Mulheres, História e Literatura: um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde*. Dissertação de Mestrado, UFC/Ce, 2002.

<sup>8</sup> VIEIRA JR., Antonio Otaviano. *A família na seara dos sentidos: domicílio e violência no Ceará (1750-1850)*. Tese de doutorado. São Paulo, 2002, p.134-263. A opção entre domicílio e violência feita por este autor vai ao encontro de um aspecto organizador da sociabilidade cearense na primeira metade do século XIX, período marcado por sua pesquisa. Contudo, a partir da seca de 1877, nota-se uma mudança fundamental do viés que perpassava a família, de modo que se antes a compreensão da família passava primordialmente pela análise da violência, a partir desta data a seca passa a ser um elemento indispensável na compreensão dos sentidos da família e da sua sociabilidade.\_

Assim, faz-se necessário uma compreensão da família tendo como esteio o fenômeno das secas, signo de uma região - o Nordeste - historicamente ligado ao século XIX, quando emergiram as condições para a formulação de uma identidade regional, por meio da seca que potencializou o conceito de família no Ceará na segunda metade do século XIX e início do XX.

Pode-se compreender a importância da família a partir do conceito de criança “vadia”,<sup>9</sup> pois em decorrência disso, constituiu-se um discurso de regeneração da vadiagem, que atribuiu à família o papel de “ministério familiar”<sup>10</sup> na sua contenção. A criança denominada de vadia era aquela ausente do domicílio, sem ofício e que praticava atos ilícitos. Para ela o governo do Ceará criou a Colônia Cristina<sup>11</sup>, para onde eram enviados os órfãos desvalidos e funcionou o projeto do presidente da Província André Fleury chamado de as “mães e os pais de família”, com o objetivo de restabelecer a base familiar perdida pelas crianças nos anos de seca.<sup>12</sup>

A questão central que perpassa essa pesquisa é: que sentido(s) adquiriu a família cearense, envolta num discurso de perda e de crise, ao longo das secas sucessivas que assolaram o Ceará? Com base nisso, a hipótese central desse projeto é a de que a família cearense passou a ter um significado diferente com a seca de 1877-79, por meio da construção de um discurso regionalista que utilizava a imagem da família como vítima da estiagem. Com isso, atraía recursos que financiavam a chamada “indústria da seca”, corroborando um modelo político de atendimento aos retirantes que facilitava o deslocamento da população, o abandono dos domicílios, a vinda à Fortaleza e a

---

<sup>9</sup> ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. A partir desse autor, pode-se compreender o uso do termo vadio, utilizado para denominar as crianças órfãs, que sem família, eram vistas impossibilitadas de desenvolver seu sentimento de infância.

<sup>10</sup> BNRJ - Jornal *O Vadio*, 1899, p.3.

<sup>11</sup> A Colônia Orfanológica Cristina se localizava em Maranguape a 45 km da cidade de Fortaleza, num terreno doado ao governo da província pelo comendador Luís Ribeiro da Cunha em 1880, para a fundação de uma colônia para os órfãos desvalidos da seca de 1877-79. Esta instituição existiu até 1889, contudo ao longo desse período ela passou por várias reformas, sendo que uma delas se deu através da implementação do projeto do presidente Fleury da criação de oficinas de trabalho como ferreiro, carpinteiro, funileiros chefiados pelos “pais de família” e no espaço das meninas pelas “mães de família”.

<sup>12</sup> APEC - Relatório com que o exm.º sr. Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury passou a administração da província do Ceará ao exmº sr. senador Pedro Leão Veloso no dia 1º de abril de 1881, p.43.

aglomeração<sup>13</sup> em algumas cidades litorâneas e prósperas como Aracati, Acaraú, Baturité e Quixadá.

As secas no Ceará afetaram a família e provocaram a desestabilização da agricultura, o reordenamento do domicílio e o esfacelamento dos sentimentos familiares. Da conjugação desses fatores emergiu o discurso de crise moral na família. No entanto, antes de 1877 a noção de crise e de perda de moralidade se relacionava ao estado de belicosidade do sertão, como notou o viajante George Gardner, destacando que o europeu era acostumado a viajar com relativa segurança, sem o uso de pistolas e adagas, de modo que o encontro com homens portando armas pelos caminhos cearenses dava “idéia muito desfavorável da moral desta gente.”<sup>14</sup>

Nesse sentido, a noção de “crise moral” estava relacionada diretamente a falta de segurança nos caminhos cearenses, devido a existência de uma população armada, aspecto que evidenciava uma dificuldade inerente ao processo colonizador português marcado por um *déficit* do estado imperial, frente aos potentados rurais e as lutas de família.<sup>15</sup> Não obstante, além dos conflitos entre famílias que envolviam comunidades inteiras e da insegurança que pairava nos sertões, somava-se a calamidade da seca com a província enfrentando prolongadas estiagens desde a última ocorrida no ano de 1825, no qual a falta de água e alimento levou ao perecimento de homens, animais domésticos e selvagens.<sup>16</sup>

A calamidade da seca não era associada pelos viajantes à crise moral da população, pois ambas tinham raízes diferentes: uma o porte de armas e a outra a falta de chuvas. Um outro viajante chamado Daniel Kidder, que passou pelo Ceará no mesmo período de Gardner, primeira metade do século XIX, titubeou ante a dificuldade em dizer “qual a maior calamidade dessa região, se as inundações ou a seca.”, pois as chuvas

---

<sup>13</sup> THEÓPHILO, Rodolpho. *A seca de 1915*. Fortaleza-ce, Edições UFC, 1980, p.51.

<sup>14</sup> GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil (1836-1841)*. Trad.: Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 84.

<sup>15</sup> PINTO, Luis de Aguiar Costa. *Lutas de Famílias no Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

"torrenciais e contínuas"<sup>17</sup> prejudicavam a cultura do algodão e transbordavam os rios. Essa dualidade caracterizou o Ceará na primeira metade do século XIX, mas como afirma Neves a partir de 1877, "a seca adentrou o mundo do poder constituído[...] e atingiu o cerne da aventura civilizatória que a elite local imaginava experimentar neste momento".<sup>18</sup>

A dificuldade de Kidder em decidir qual a calamidade que assolava o povo sertanejo: se as secas ou as inundações; ganhou em 1877 através da fala do Presidente da Província Caetano Estelita sua definição: "A província atravessa uma crise tremenda, passa por uma d'essas sêccas desoladoras, que desde o século passado, devastando seu sólo, em periodos mais ou menos largos, alastra-o de ruínas, consumindo suas forças presentes e agourentando o seu futuro."<sup>19</sup> Estelita refaz a seca temporalmente, definindo-a como calamidade no século XVIII, enfatizando seus efeitos devastadores no presente (século XIX) e, atribuindo-lhe o poder de afetar a Província no futuro (século XX), adquirindo um sentido atemporal<sup>20</sup> e tornando-se pedra angular da construção de uma identidade regional, na medida em que passou a fazer parte da memória do cearense.<sup>21</sup>

Desse modo, a seca se tornou elemento mediador da crise civilizatória vivida pela família, pois esta passa a ser vista como microcosmo da sociedade, sendo melhor compreendida como um sistema, no qual as obrigações morais são seu sustentáculo fundamental, de modo que ao entrar em crise a sociedade sente os seus efeitos.<sup>22</sup> Por

---

<sup>16</sup> GARDNER, George. op. cit. , p. 82.

<sup>17</sup> KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagem e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Trad.: Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p.158.

<sup>18</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, p.25. Sobre a noção de crise civilizatória, atribuída à seca, pode-se sopesar esse impacto, considerando-se o aspecto de que a seca reinstituiu a noção de crise, relacionada na primeira metade do século XIX a violência no campo e a partir da segunda metade ao esfacelamento das relações familiares e domésticas.

<sup>19</sup> APEC - Fala com que o exmo Sr. Dezbargador Caetano Estelita Cavalcante Pessoa Presidente da Província do Ceará abriu a 2ª Sessão da 23ª Legislatura da Respectiva Assembléia no dia 2 de julho de 1877, p.36.

<sup>20</sup> PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

<sup>21</sup> BNRJ – Divisões de Periódico. Jornal "O Vadio", Fortaleza, 24 de julho de 1899, p.4.

<sup>22</sup> SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003, p.55-86. Esta autora trabalha com a noção de moral dos pobres. Contudo, nesta pesquisa

isso, o estudo da seca no Ceará se ressentiu de um aprofundamento em torno da questão das transformações na família e na sua experiência migratória a partir da seca de 1877-79, que atribuiu ao cearense um aspecto nômade denominada na historiografia dos memorialistas de cearencismo.<sup>23</sup>

Assim, a migração tem sido aspecto componente da sociedade brasileira, porém as migrações internas continuam pouco exploradas pela historiografia nacional.<sup>24</sup> Embora vários estudiosos tenham se manifestado a favor de maiores investimentos em pesquisas sobre a imigração interna em épocas anteriores ao século XX, tais estudos "não tem sido feitos."<sup>25</sup> Nesse sentido, a seca se constituiu como parte da história do Ceará, deixando de ser apenas elemento econômico e tornando-se componente fundamental de uma mecânica discursiva, que deu vazão a construção de uma noção de família marcada pela idéia de perda e de crise.

Dessa forma, a seca e a migração desequilibraram o ordenamento da família, pois em Fortaleza se formou um grande contingente de viúvas e órfãs que permaneceram na periferia da capital cearense sob a prerrogativa de "inválidos", ou seja, as crianças e as mulheres sem a presença do marido - chefe de família - não seriam capazes de promover sua própria sobrevivência e, com isso, eram excluídos da ordem de retorno ao sertão, levando a capital do Ceará em 1887 a ter 34% dos domicílios chefiados por mulheres.<sup>26</sup>

Cada seca que atingiu a região contribuiu para a formação dos contingentes de viúvas e órfãs que permaneceram nas cidades onde havia socorros públicos. Em novembro

---

ressalta-se a moral da família, pois esta é compreendida mais como um sistema moral do que como uma instituição.\_

<sup>23</sup> MORAIS, Viviane Lima de. *As Razões e Destinos da Migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2003.

<sup>24</sup> BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX. In: *ANAIS do XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP*, 2000. Caxambu/MG, 23 a 27 de outubro de 2000.

<sup>25</sup> TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. A demografia numa perspectiva histórica: a produção da ABEP 1978/1998. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Historiografia Brasileira em Debate: olhares, recortes e tendências*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 13. Minha idéia de estudar as migrações internas se restringe, basicamente, a especificidade dos movimentos populacionais no interior do Ceará.

<sup>26</sup> APEC - Arrolamentos da Freguesia de São José da Cidade de Fortaleza. Empreendido pelo chefe de Polícia da Província Dr. Araújo Torreão em 1887. Fundo: Secretaria de Polícia. Ala: Estante: Livro(s) nos 382, 383, 384, 385, 444.

de 1887 era crescente a migração do centro para o litoral, de forma que nos arrabaldes de Fortaleza se formou uma população migrante em torno de 43.000 mil pessoas. Em Aracaty havia cerca de 30.000 mil desvalidos e grandes aglomerações se formavam em Baturité, Maranguape, Granja, Acaraú e vila de Pacatuba, de modo que essas cidades juntas atraíram cerca de 110.000 mil retirantes.<sup>27</sup> Desse modo, a formação de mulheres chefes de família<sup>28</sup> não seria restrita a capital cearense, mas teria atingido toda a província, por meio da migração que a cada seca, levou a formação de uma população vivendo precariamente em habitações rústicas<sup>29</sup> e miseráveis.

Em síntese, o que era visto como depreciação moral antes de 1877- a violência<sup>30</sup> - consistia na base de sustentação da sociedade cearense que sofreu as conseqüências da desorganização de um modelo de família baseado no primado da honra, para um outro estribado na sujeição à seca e a migração. Essa mudança de parâmetro foi carregada pela reestruturação domiciliar ocorrida nas cidades pólo de atração dos retirantes, pela organização das frentes de trabalho utilizadas nas obras públicas e pela efetivação de uma prática migratória. A conjugação desses elementos deu dinamicidade ao conceito de “família” ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX, tornando esse estudo importante para o entendimento das relações familiares, da sociedade cearense e do próprio Nordeste.

---

<sup>27</sup> BPGMP – Setor de Microfilmagem Relatório com que o excelentíssimo Sr. Conselheiro João José Ferreira de Aguiar, passou a a dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 3º vice-presidente da Província em 22 de fev. de 1878.

<sup>28</sup> Sobre isso foi desenvolvido no CEDHAL - Centro de Demografia Histórica na América Latina, um projeto coordenado por Eni de Mesquita Samara sobre as Mulheres Chefes de Família no Brasil no século XIX, sendo que uma das localidades pesquisadas foi a cidade de Fortaleza, com base no estudo dos Arrolamento de 1877.

<sup>29</sup> Rodolpho Theóphilo. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Ed. fac-similar, Fortaleza, p.106-107.

<sup>30</sup> Sobre isso vide: FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Os homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Ática, 1974. Esta autora ao abordar a figura do homem livre no Brasil num momento em que vigorava a escravidão enquanto regime sócio-econômico, percebe que a sociabilidade do homem livre estava relacionada à formas violentas de resolução de problemas que tinham como nascedouro códigos de honra e de coragem.